

SERMÃO
Mutirão de Natal
Sempre
*Podemos
Fazer*



Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Sempre Podemos Fazer Mais

INTRODUÇÃO:

Você já ficou com a sensação de que poderia ter feito algo a mais? Um serviço feito pela metade, um prêmio que, se talvez houvesse tido um pouco mais insistência, teria alcançado? Um esforço extra que poderia ter feito a diferença? Na história, poucas pessoas se esforçaram tanto para conseguir seu objetivo como Gabrielle Andersen. Nos Jogos Olímpicos de Verão de 1984 realizados em Los Angeles, durante a primeira maratona feminina da história dos jogos, ela como uma das maratonistas sentiu fortes câimbras, desidratação e cansaço a 200 metros da linha de chegada. A umidade era muito alta e a temperatura rondava os 30°C. Gabriela entrou no estádio na 37ª posição, mal conseguindo se manter em pé. O público ficou eletrizado ao ver seu tremendo esforço e muitos se emocionaram enquanto incentivavam a atleta a concluir, já tendo a metade de seu corpo paralisado. Imediatamente os organizadores quiseram prestar assistência médica, mas ela recusou, sabendo que se aceitasse seria desqualificada. Foram 10 longos minutos para Gabrielle, enquanto os paramédicos seguiam pela margem da pista. Gabrielle tinha um objetivo, nem as dores, nem o cansaço a fariam desistir. Percorreu o trajeto de 200 metros cambaleando até cruzar a linha de chegada e cair nos braços dos médicos. Ela desejava terminar a prova pois era sua única oportunidade de participar das olimpíadas, pois já tinha 39 anos. Foi mais aplaudida que a vencedora. Esforçou-se até o seu limite!

Na Bíblia temos também uma história curiosa, contada pelo próprio Jesus, de alguém que numa situação difícil fez algo mais. Nós a conhecemos como a parábola do administrador infiel que está em Lucas 16:1-13.

I – O Contexto da Parábola

- A parábola do administrador infiel está no contexto das palavras de Cristo dirigidas aos fariseus como resposta ao fato de Cristo “receber pecadores” (Lc 15:1) no capítulo anterior. Os fariseus, grupo religioso mais influente do tempo de Jesus, o criticava por sua excessiva atenção a pessoas que, segundo sua opinião, deveriam ser desprezadas, em especial os publicanos, que eram judeus contratados como cobradores de impostos do império romano. Em resposta a essa crítica, Cristo profere as três parábolas do perdido (a dracma, a ovelha perdida e o filho pródigo) mostrando como Deus não mede esforços de procurar os pecadores e salvá-los.

- Em sequência, conta a parábola do administrador infiel. Não sabemos exatamente quando esta parábola foi proferida, mas de acordo com os comentaristas provavelmente o local era a Pereia, no ano 31 d.C. entre janeiro, ou fevereiro próximo a sua crucifixão. Os comentaristas acreditam que o capítulo 15 e 16 formam um conjunto de parábolas proferido as mesmas pessoas, com o objetivo de mostrar a importância que Deus dá a necessidade de buscarmos os perdidos, de ajudar aqueles que necessitam, entendendo que devemos aproveitar as oportunidades da vida presente, preparando-nos para a vida futura.

II – A Parábola

- Um homem rico tinha um administrador que tomava conta de seus bens. Esse administrador era um homem livre contratado que fazia o papel de um superintendente, um mordomo. Alguém que infelizmente administrou erroneamente. O texto grego dá a entender que ele continuamente roubava seu patrão. Não sabemos se foi por negligência ou desonestidade, provavelmente uma mistura de ambos, mas o fato é que o tempo de administração descuidada chegou ao fim. Seu senhor descobriu e lhe cobra uma prestação de sua mordomia.

Ellen White, destaca que muitos dos publicanos que o escutavam tinham procedimentos semelhantes ao daquele mordomo e assim se identificaram com a história. Aquele mordomo ficou desesperado. Como fazer? Com a demissão à vista, viu três caminhos a sua escolha: mendigar, trabalhar ou morrer de fome.

- Que resolveu fazer então? Chamou os devedores do seu senhor para torná-los participantes de sua desonestidade, diminuindo suas dívidas. Ao que parece era tão negligente que nem mesmo sabia exatamente o quanto deviam aqueles homens ao seu patrão. Ao chegar a necessidade, todavia, foi hábil e inteligente para colocar em prática seu plano. Ao diminuir suas dívidas, colocava aqueles devedores em débito com ele e assim com a obrigação de ajudá-lo quando este fosse demitido. É interessante notar que este plano pode ter exigido dias, pois como o patrão era um homem rico, deveriam haver vários devedores e urgia reunir-se com eles sem falta. Aquele homem resolveu seu problema conquistando os clientes do seu patrão a seu favor. Num momento de grande dificuldade podemos dizer que este homem fez um grande esforço para resolver seu problema.

- Aqui temos um ponto polêmico para os estudiosos, pois o homem rico elogiou o mordomo pela sagacidade com que resolvera seu problema. Contudo, de acordo com Ellen White “O elogio do rico não era, porém, o elogio de Deus” (Parábolas de Jesus, p. 199), e sim o reconhecimento de que numa situação difícil, o homem foi inteligente o suficiente para fazer amigos que o ajudassem em sua dificuldade.

- Utilizando como base a parábola, Ele fala de aprendermos a lição de inteligência do administrador infiel (Lc 16:8); que deveríamos usar as bênçãos que estão sobre nossa administração para ajudar a outros, utilizando as riquezas que estão a nossa disposição (Lc 16:9); que deveríamos ser fiéis nas oportunidades de ajuda aos outros mesmo tendo pouco (Lc 16:10-11); e que devemos administrar sabiamente, pois as coisas deste mundo não são nossas (Lc 16:12) e por fim que não devemos nos apegar as riquezas terrenas deste mundo pois não podemos ao mesmo tempo servir a Deus e as riquezas. (Lc 16:13).

Algumas expressões como a do verso 9, “granjear amigos com as riquezas da injustiça” e a do verso 11 “riquezas injustas” não quer dizer que Cristo concordasse com a desonestidade, mas apenas de forma irônica, Ele estava mostrando que assim como o administrador infiel tinha feito com o dinheiro que não era dele, eles deveriam fazer o mesmo com os recursos que não eram deles, mas de Deus. Esse ponto foi bem compreendido pelos fariseus que não se escandalizaram achando que Cristo estava promovendo a desonestidade, mas sim o desapego dos bens materiais como pode ser visto no verso 14: “E os fariseus que eram avarentos, ouviam todas estas coisas e zombavam dele”.

II – Aplicações da Parábola

- Nesta parábola, o administrador infiel representava, em primeira instância, os fariseus. Deus lhes havia concedido os ricos tesouros da sua verdade para que estes administrassem, porém, foram encontrados em falta, pois lhes faltava o cuidado em compartilhar o amor de Deus com as pessoas. Nós também somos os administradores infiéis que temos muitas vezes sido descuidados com os tesouros a nós confiados, como a palavra de Deus, as oportunidades missionárias e os recursos colocados em nossas mãos para auxiliar os que necessitam. Não apenas ocasionalmente, mas muitas vezes. Vindo o Senhor encontrará a muitos de nós em falta, roubando o que lhe é devido continuamente.

- Em Lucas 16:9, Cristo deixa clara a lição que deseja transmitir. Tanto os fariseus como os publicanos alimentavam graves pecados e um dos principais era o apego ao dinheiro, o materialismo. Não tinham cuidado dos recursos que Deus lhes confiara e por isso não estavam preparados para prestar contas de sua vida espiritual. Tudo o que tinham juntado na verdade era ilusão, pois pertencia unicamente a Deus. E os fariseus eram ainda mais culpados, pois além da questão material recusavam-se a compartilhar a palavra de Deus. Eles estavam

tão preocupados consigo mesmos que não tinham espaço para pensar no próximo e em suas necessidades.

- Assim, a parábola do administrador infiel tem como ponto central a importância de pensar no próximo e compartilhar as bênçãos recebidas, complementando as parábolas anteriores. Enquanto as três anteriores falavam do cuidado de Deus para com o perdido esta parábola mostrava como deveríamos nos portar com aqueles que precisam. Tanto os fariseus como os publicanos precisavam entender que para ter um tesouro no céu, era necessário investir nas necessidades daqueles que precisavam.

- Note-se que o administrador não repartiu seus bens, mas aquilo que estava sob seus cuidados. De uma certa maneira não repartimos o que é nosso; mas o que Deus nos deu, pois somos administradores das suas bênçãos. E nesta parábola somente o desapego das coisas materiais poderá nos preparar para a eternidade. E esse desapego se traduz em auxílio, daquilo que temos para os que necessitam. Assim como o administrador que estava em um momento muito difícil e apenas auxiliando outros encontrou uma solução, neste mundo, que é cada vez mais complicado, precisamos ter um novo olhar para aqueles que precisam. Nestes momentos tormentosos Cristo tem tocado o coração das pessoas ao redor do mundo para que façam algo a mais por aqueles que precisam. E o seu coração? E o nosso coração? Podemos fazer mais!

- Muitas pessoas estão precisando que dividamos não apenas nossos recursos materiais, mas nosso tempo, nossas palavras de simpatia, nossa compaixão. Enfim, temos recursos que empregados para o bem dos outros iluminariam a vida de inúmeras pessoas. Apenas não fazendo nada estamos continuamente roubando ao nosso Senhor, desperdiçando seus tesouros. Muitos de nós julgamo-nos honestos e jamais nos colocaríamos em atitudes desonestas; porém, ao negligenciarmos as necessidades dos outros, como poderemos negar que estamos em falta? Podemos fazer mais!

- Quantas vezes jogamos fora coisas que consideramos supérfluas que poderiam trazer conforto para alguém. Quantas vezes compramos coisas mais caras para satisfazer nossa vaidade quando através de um uso equilibrado do dinheiro teríamos mais recursos para ajudar os necessitados! “A FAO [Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura] estima que 6% das perdas mundiais de alimentos se dão na América Latina e no Caribe e a cada ano a região perde e/ou desperdiça cerca de 15% dos alimentos disponíveis. Cerca de 47 milhões de pessoas ainda vivem em situação de fome na região”. Sem contar o desperdício de roupas que poderiam vestir os mais pobres, entre outras coisas. Podemos fazer mais!

- Deus deseja que ajudemos os necessitados não somente orando, pedindo, mas repartindo. Deus deseja que compreendamos que podemos fazer mais para aliviar o sofrimento das pessoas neste mundo. Está na hora de fazermos mais por aqueles que necessitam. Assim como o administrador diminuiu as dívidas das pessoas e garantiu uma provisão para o futuro, ao aliviarmos o fardo dos necessitados estocamos um tesouro no céu. Além do mais ao ajudar os outros, utilizando os recursos que Deus nos deu, aliviado será para nós o fardo da vida, pois isto nos dará alegria ao coração. Estaremos nos associando aos anjos e ao próprio Deus nesse trabalho de repartir o que temos com os necessitados. Deus tomará como sendo feito a si próprio. Precisamos parar de dar desculpas a nós mesmos. Podemos fazer mais!

CONCLUSÃO

- Somente no serviço ativo por aqueles que necessitam é que poderemos demonstrar a verdadeira religião. Talvez achemos que já fazemos muito. Talvez achemos que estamos no nosso limite. Mas o ponto é que sempre poderemos fazer mais. Sempre há algo que podemos dar, seja dos nossos bens materiais, seja dos recursos que Deus nos deu.

- O que podemos fazer mais para Deus? Beatriz Martins de Souza, quando tinha 6 anos de idade, saiu na rua com o pai quando viu crianças carentes. Penalizada teve uma ideia: juntar doces para dar as crianças carentes. Assim ela começou a juntar balas e brinquedos durante 4 meses para ajudar. Hoje, com 15 anos, ela dirige uma ONG que ajuda crianças carentes em sua comunidade. Quando começou ela era apenas uma criança, mas queria fazer mais. Se até uma criança de 6 anos pode fazer mais, por que não você? Por que não todos nós? Podemos fazer mais!

Pr. Cid Gouveia.
Doutorando em teologia aplicada - UPU
Distrital em Alecrim, Natal – RN.